

AS ILHAS DAS FLORES E DO CORVO NA PERSPECTIVA DE UM NEGOCIANTE MICAELENSE DE SETECENTOS

por
Maria Margarida Vaz do Rego*

Ao estudarmos a casa comercial de Nicolau Maria Raposo de Amaral¹, negociante de *grosso trato* da Praça de Ponta Delgada, entre os anos de 1769 a 1816, depararam-se-nos, entre numerosa correspondência, relevantes cartas destinadas a figuras que integravam o elenco governativo central. Uma delas, dirigida a D. Rodrigo Sousa Coutinho, Ministro e Secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos, datada de 6 de Março de 1800, mereceu-nos particular atenção, devido a uma interessante descrição das ilhas Flores e Corvo², pois adianta-nos importantes informações sobre a economia florentina e corvina de finais de Setecentos, assim como representa mais um contributo para a compreensão da importância da Casa de Nicolau Maria Raposo³, no incremento de inúmeras actividades inerentes à economia açoriana.

* Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

¹ *Uma Fortuna do Antigo Regime: A Casa comercial de Nicolau Maria Raposo de Amaral*, dissertação de doutoramento, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2001, no prelo.

² A J. M. R. A., *Carta de Nicolau Maria Raposo a D. Rodrigo Sousa Coutinho*, Cop. C., vol. X, 6 de Maio de 1800. Ver em anexo.

Um extracto de uma cópia desta carta, existente no A H. U., foi transcrito por Artur Boavida Madeira in “As Flores e o Corvo. A evolução populacional na segunda metade de Setecentos”, in *Actas do II Colóquio o Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1997, p.398

³ Quando nos referirmos a este negociante micaelense, utilizaremos apenas o nome de Nicolau Maria Raposo, porque era assim que era conhecido e mesmo assinava. Desta

Depois de uma estadia no Brasil, Nicolau Maria Raposo, regressou à ilha de S. Miguel em 1769 e, não obstante radicar-se na periferia europeia, pode ser considerado o típico negociante do Antigo Regime, ou seja, aquele cuja especialização, passe a redundância, é a não especialização.

Utilizando a estratégia comum aos capitalistas do seu tempo, ser tudo o que a conjuntura lhe permitia⁴, tornou-se não só negociante de grosso trato, mas também armador com sociedades em vários navios, penetrou no domínio das finanças, investindo em várias operações de crédito, comprou bens de raiz, ora para exploração directa ora para arrendamento. Foi também contratador régio, arrematando os principais rendimentos reais, como o contrato dos dízimos e miúças de toda a ilha de S. Miguel, explorou o monopólio da venda do azeite de baleia em todo o arquipélago e investiu em manufacturas, como a salga de peixe e carne, beneficiadas por privilégios reais⁵.

Se cada um destes negócios era importante para o enriquecimento desta casa comercial, o principal factor de incremento residia na complementaridade dos mesmos, permitindo a Nicolau Maria Raposo usufruir de uma posição preponderante entre a elite comercial das Ilhas.

Este sucesso empresarial em boa parte se devia ao espírito empreendedor deste negociante, sempre actualizado e a par das transformações do seu tempo. Afinal viveu numa época de transição entre o Antigo Regime e o Liberalismo, onde se sobrepunha a tradição e a modernidade. Deste modo, e no âmbito do pensamento económico, foi mercantilista e adepto de um dirigismo económico de um governo forte⁶, sempre que aproveitava as ajudas, monopólios e os privilégios que a coroa concedia a particulares, mas foi também livre cambista, quando pugnavam pela livre exportação dos cereais açorianos. Segundo esta linha doutrinária, considerava a agricultura como base da riqueza de um país, mostrando-se conhecedor e adepto das ideias e programas que os *memoralistas e projectistas* formularam com vista à recuperação económica

maneira tentamos, também, não confundi-lo com seu filho mais velho do mesmo nome e seu sucessor nos negócios.

⁴ Fernand Braudel, *A Dinâmica do Capitalismo*, Lisboa, Edições Teorema, 1985, pp. 65 e 66.

⁵ Todas estas actividades, em que Nicolau Maria Raposo se envolveu, estão analisadas em Margarida Vaz do Rego Machado, *Uma Fortuna do Antigo Regime... ob. cit.*

⁶ Jean de Vries, *A Economia da Europa numa época de crise*, Lisboa, publicações D. Quixote, 1983, pp. 314 e 315

de Portugal e do Império Atlântico Português, em especial após a criação da Real Academia das Ciências em 1779⁷.

Na sequência destas preocupações e com o intuito de promover o desenvolvimento do sector primário, Nicolau Maria Raposo escreveu a D. Rodrigo Sousa Coutinho a carta a que já aludimos, onde descreve a sua viagem às ilhas de Flores e Corvo, que decorreu em 1780.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, espírito iluminado, estadista e homem conhecedor das obras mais significativas da literatura económica europeia (nomeadamente o tratado de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*), assim como de esclarecida legislação de países como a Prússia, a Áustria e a Lombardia, onde estivera em missão diplomática, procurou sempre racionalizar as suas decisões ministeriais em conformidade com as especificidade da realidade do Império de Portugal⁸.

Neste sentido e, com o intuito de conhecer melhor a realidade açoriana, o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, deu Instruções ao Capitão-General dos Açores, o então Conde de Almada⁹, para indagar in loco, das potencialidades técnicas, políticas económicas e financeiras do Arquipélago, mantendo além disso, uma correspondência assídua com alguns açorianos tais como Nicolau Maria Raposo, onde indagava sobre os tributos que oneravam a agricultura, os morgadios, a própria actuação dos morgados, pondo ainda em causa a actuação das Câmaras, que segundo aquele estadista, travavam o processo de exportação dos cereais e leguminosas em prol da defesa do abastecimento local¹⁰.

Ma sequência da sua perspectiva pedagógica, inerente ao seu espírito iluminista, D. Rodrigo escrevia ainda a Nicolau Maria, propondo-lhe o desenvolvimento da florestação dos Açores, nomeadamente de cedros e pinheiros, incentivando o cultivo de produtos não muito difundidos nestas ilhas, como era o caso da batata, que, apesar de já ser conhecida no

⁷ Ver Rui Santos, “A nuvem por Juno? O tema da fisiocracia na historiografia do pensamento económico Português”, in revista *Análise Social*, XVIII (121), p. 423; José Luís Cardoso (coord.) *A Economia política e os dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*, Lisboa, Edição da Comissão dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp.65 a 109.

⁸ José Luís Cardoso, *O Pensamento Económico em Portugal nos finais do século XVIII, 1780-1808*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989, pp.127 a 211.

⁹ Margarida Vaz do Rego Machado, “A agricultura micaelense nos finais do Antigo Regime. Em torno das Instruções de D. Rodrigo de Sousa Coutinho para o Conde de Almada”, in *Ler História*, 31, 1996, pp. 89 a 92.

¹⁰ Margarida Vaz do Rego Machado, *Produções Agrícolas, Abastecimento. Conflitos de Poder*, Ponta Delgada, Jornal da Cultura, 1994, pp.113 e 114.

Arquipélago, não tinha um consumo significativo, devido à preferência deste povo pelo inhamo e pela batata doce.

Foi precisamente em resposta a uma destas cartas de D. Rodrigo Sousa Coutinho, onde o Estadista insistia no cultivo das árvores, enviando sementes de diversas espécies, para que Nicolau Maria Raposo as semeasse nos locais que achasse mais indicados, que o negociante micaelense fez uma descrição de uma viagem, que tinha efectuado em 1780, às ilhas mais ocidentais do Arquipélago (ver anexo).

Esta viagem tinha sido realizada com a aprovação do Secretário de Estado Martinho de Mello e Castro, numa altura em que Nicolau Maria Raposo tinha como projecto a expansão da manufactura da salga de peixe e carne, iniciada na década de setenta em S. Miguel.

Como era seu apanágio, o negociante micaelense, que não desperdiçava qualquer oportunidade de negócio que a conjuntura lhe proporcionasse, conseguiu participar num programa de governo de Pombal, que propunha para os Açores o fomento e reorganização da produção da salga de peixe e carne.

A pesca, nos Açores, nunca tinha sido uma actividade importante. Apenas servia de subsistência dos povos e poucas ou mesmo nenhuma vez, tinha sido alvo de preocupação governamental.

Tendo em conta a eterna miséria dos pescadores, o Marquês de Pombal, resolveu apoiar a manufactura, onde se salgasse o peixe que, depois era mandado para os Armazéns Reais em Lisboa. Nicolau Maria conseguiu ficar responsável por toda esta actividade, encarregando-se em primeiro lugar de vender o sal aos pescadores, comprar o peixe aos mesmos, superintender a salga e depois enviar o produto para Lisboa. Semelhante procedimento tinha em relação às carnes, quer de bovino quer de suíno¹¹.

Durante as décadas de setenta e oitenta de Setecentos, a actividade da salga foi aumentando de tal forma que a ideia de alargamento a outras ilhas foi ganhando consistência. Primeiro começou com a compra de gado em S. Jorge, que depois era salgado em S. Miguel, mas obstáculos de vária ordem levaram-no a pensar em fazer a própria salga naquela ilha, o que não se concretizou por falta de apoios das autoridades locais. Entretanto, foi projectado o alargamento da pesca e respectiva salga às ilhas de Flores e Corvo e, na tentativa de concretizar este objectivo, comprou uma lancha de alto-mar, dirigindo-se ele próprio com *mais doze pescadores dos melhores*

¹¹ Para saber mais pormenores sobre esta actividade ver: Margarida Vaz do Rego Machado, *Uma Fortuna do Antigo Regime...ob. cit.*, pp.183 a 331.

que tinha, anzóis, linhas, redes, sal e todo o aparelho indispensável para uma pescaria¹², para as ilhas mais ocidentais do Arquipélago.

É interessante verificar que, para responder a algumas perguntas de Sousa Coutinho, Nicolau Maria Raposo utilize a descrição de uma viagem, onde a consciência do espaço e das suas divisões, das diferenças e semelhanças se submetem a uma perspectiva económica¹³.

Esta literatura faz parte integrante da filosofia iluminista e da nova mundivivência de Setecentos. No nosso país, ela tornou-se realidade nas últimas décadas do século XVIII, nas quais se fazia explícita referência à necessidade de se efectuarem viagens filosóficas e políticas, com o objectivo de melhor se conhecer o estado do Reino¹⁴. José António de Sá, na abertura do seu compêndio Observações, declara que *todo o país, que pretende reformar-se deve ser viajado*¹⁵.

Nesta linha de ideias, Nicolau Maria Raposo foi, ele próprio, viajar para conhecer e verificar a realidade económica e geográfica das ilhas Flores e Corvo e, uma vez mais, se constata o seu espírito pragmático, pois também era conhecedor das lides marítimas, devido à sua actividade como capitão de navios, durante a sua estadia no Brasil¹⁶.

Como ele próprio escreveu, partiu em Maio, época propícia à navegação inter-ilhas¹⁷, remetendo esta sua expedição a um certo secretismo, como era próprio de um negociante que bem sabia que “o segredo era a alma do negócio”. Apenas a mulher e dois funcionários régios – Martinho de Mello e Castro (secretário de estado) e Diniz Gregório de Mello e Castro e Mendonça (capitão-general), tinham conhecimento desta expedição. Daí que Nicolau Maria Raposo, fizesse mesmo uma paragem na ilha Terceira,

¹² Ver anexo

¹³ José Luís Cardoso, *Pensar a Economia em Portugal. Digressões Históricas*, Lisboa, Difel, 1997, p.102.

¹⁴ *Ibidem*, p.104.

¹⁵ José António de Sá, “Compêndio de Observações que formam o plano da viagem política e filosófica que se deve fazer dentro da pátria, dedicada a S. A Real o Príncipe do Brasil”, Lisboa, Oficina de Francisco Borges de Sousa, 1789, p.3, citado em José Luís Cardoso, *ob. cit.*, p.104.

¹⁶ Antes de iniciar a sua actividade como negociante em S. Miguel, Nicolau Maria Raposo esteve no Rio de Janeiro, onde enriqueceu através do comércio entre aquela praça e a Nova Colónia do Sacramento. Aqui, iniciou-se na lide marítima como capitão de navio, passando depois a senhorio da própria embarcação.

¹⁷ As viagens inter-ilhas faziam-se essencialmente no Verão, pois os ventos ciclónicos, as poucas embarcações e a inexistência de portos artificiais, condicionavam a comunicação entre as Ilhas no resto do ano.

onde foi hóspede do Capitão-General e onde recebeu deste recomendações para o Capitão - Mor da ilha das Flores.

A descrição desta ilha começa, como era usual, com a sua posição geográfica: *dista de S. Miguel noventa e seis legoas, na altura de perto de quarenta graus ao Norte*, seguindo-se uma exclamação bastante pertinente: *fiquei pasmado de ver o esquecimento e desprezo em que está, hua posição por todas as circunstâncias preciosa, muito principalmente pelo ponte em que se acha para o verdadeiro cálculo da navegação entre o Este e o Leste*. Por outro lado, o negociante constata a perifericidade do grupo ocidental, face a S. Miguel e Terceira, que eram centros económicos e políticos da zona açoriana, por outro, revela a consciência de que face a outros centros, nomeadamente no quadro atlântico das grandes rotas de comércio internacional, as Flores e o Corvo não podiam ser consideradas periféricas.

Desde a era de Quinhentos, o Arquipélago fazia parte da zona de retorno das caravelas que, das Índias, tanto Ocidental como Oriental, regressavam á Europa. Lembremo-nos da acção dos Provedores das Armadas, residentes em Angra, da Armada das Ilhas, que vinham buscar as naus exactamente nesta parte mais ocidental do Arquipélago¹⁸. A presença de vários corsários estrangeiros nas imediações de Flores e Corvo e o apresamento de várias naus, como por exemplo a nau Madre de Deus em 1591¹⁹, ou as ordens régias ao capitão-mor da ilha das Flores para estar atento a um possível ataque dos holandeses e ingleses²⁰, mostram bem a centralidade geográfica destas duas ilhas na história marítima europeia ²¹.

Nicolau Maria Raposo estava bem ciente desta situação, daí o seu *espanto* pelo esquecimento que o poder votava a estas ilhas, quando afirma: *a sua situação é preciosa, muito especialmente pelo ponto em que se acha para o verdadeiro cálculo da navegação de Este para Leste*

Após a definição da posição estratégica, segue-se uma descrição geográfica, nas de cariz essencialmente económico daquela ilha. Neste parágrafo, depois de precisar que, apenas uma pequena parte da ilha era cul-

¹⁸ Cf. *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, Carta a El-Rei pelo Corregedor dos Açores em 1548, vol. I, pp.231 e 232.

¹⁹ Carlos Riley, “Afinidades Atlânticas. As relações entre os Açores e a Grã-Bretanha”, in *Insulana*, vol. ZLVIII, 1992, pp.99 a 119.

²⁰ Cf. *Arquivo dos Açores*, Carta Régia ao capitão-mor da ilha das Flores. Datada de 1654, vol. V, p. 260.

²¹ Veja-se Carlos Riley, “o Corvo – um lugar à margem (histórias da perifericidade insular)”, in *Actas do I Colóquio o Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1995, pp.57 a 70.

tivada: *Esta ilha que, penso ser de catorze legoas portuguesas em ponto quase redondo e elevado, apenas terá duas legoas de terras limpas de mato*, menciona as principais produções: trigo, cevada, linho, junça, inhames *dos de melhor qualidade* e milho.

Todas estas produções já vinham desde o início do povoamento, se atendermos às crónicas de Gaspar Frutuoso²² e Diogo das Chagas²³, que os referem a todos.

É interessante reter que, apesar de as Flores serem férteis, a sua economia era essencialmente de subsistência e não de mercado, como acontecia nas ilhas maiores da Terceira e S. Miguel, onde a cultura dos cereais tinha como objectivo principal a exportação. Será mesmo esta a razão avançada por Nicolau Maria Raposo, para explicar o pouco cultivado de milho, pois a abundância do trigo satisfazia a população e fazia com que esta prescindisse do milho, o que não acontecia nas ilhas principais que necessitavam deste cereal não só para consumo da sua população, mas também, para exportação para o Reino e Madeira.

Atento a qualquer negócio e convicto de que a construção da economia de mercado envolvia também uma tomada de consciência sobre a territorialidade das relações mercantis²⁴, Nicolau Maria Raposo refere as poucas relações que a ilha das Flores tinha a nível de exportação: *uma vez por ano, nos mezes de verão chegava um só navio à Ilhas, para trazer trigo e cevada, para além de outras pequenas embarcações que navegam também nos mezes de verão para irem buscar às Flores madeira de cedro*. Na verdade, a maior parte da ilha estava coberta de matos, a maioria de cedros: *que tirão do sentro da terra pelas escavações que fazem naquelles mattos, cujos paus parecem ser do tempo do dilúvio Universal*.

Segundo a opinião do negociante micaelense, D. Rodrigo poderia tentar semear nestas ilhas pinheiros, pois a terra, por ser muito húmida, devia ser propícia ao seu cultivo.

Para Nicolau Maria, os paus eram os principais produtos de exportação, todavia muita havia que fazer para a sua boa exploração, pois estradas não havia e a maior parte da madeira era transportada às costas ou com a ajuda de pequenos bois e vacas.

²² Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1963, vol. VI, p.342.

²³ Frei Diogo das Chagas, *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*, direcção e prefácio de Artur Teodoro de Matos, Angra do Heroísmo/Ponta Delgada, SREC/DRAC-Universidade dos Açores/Centro de Estudos Gaspar Frutuoso, 1989, p.543.

²⁴ José Luís Cardoso, *Pensar a Economia...ob. cit*, p.103

Segundo o mesmo, estas condicionantes podiam ser rapidamente suplantadas, pois como lhe constava, que os matos eram do Concelho, a Fazenda Real poderia dispor deles como entendesse, assim: *Sua Magestade poderia mandar abrir valados largos nos ditos matos e tão largos que possam criar erva para as rezes que também se sustentão dos ramos de louro.*

Mais uma vez, Nicolau Maria Raposo, refere a importância do desenvolvimento da agricultura e das suas técnicas, apontando que eram fundamentais os pastos artificiais pois, para além de desenvolver o gado, cuja carne poderia ir para os Armazéns Reais, o cultivo do tremoço era fundamental na azotagem dos solos. Quanto à junça e aos inhames, eram óptimos para alimentar os porcos, afirmando mesmo que, a junça era melhor do que a castanha e a bolota na engorda destes animais.

Referindo-se ao Corvo, o negociante micalense descreve a população da seguinte maneira: *parecem mouros nas barbas, que só fazem de seis a seis meses, mas na sua conduta bons católicos (...). Todo o tempo que me demorei naquella Ilha me pareceo estar com os Christãos da primitiva Igreja, fazendo me vir as lágrimas aos olhos a sua santa simplicidade.* Sublinha ainda a pouca área cultivada e a extrema miséria que caracteriza a Ilha.

A corroborar esta ideia, um ofício de D. Antão de Almada a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, datado de 1768 e transcrito no Arquivo dos Açores, menciona a dificuldade que tinham os moradores do Corvo em pagar um tributo de 40 móios de trigo e 800 varas de panos de lã, afirmando que esta medida levava todo o trigo disponível, ficando sem nenhum para semente e muito menos para a alimentação. Por tudo isto, pediam os corvinos para serem dispensados deste tributo que, agora, pagavam à Fazenda Real, após a confiscação dos bens do Duque de Aveiro, antigo Conde de S. Cruz e Senhor da ilha do Corvo²⁵.

Um ano depois de Nicolau Maria escrever a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, este, uma vez mais, demonstrando o interesse pelo Arquipélago e em particular pelas ilhas ocidentais, pedia ao capitão-general Conde de Almada, que lhe remetesse *o grão chamado junça de que se sustentam os habitantes da ilha do corvo*²⁶.

Sempre atento a todas as possibilidades de rentabilização económica de uma localidade, Nicolau Maria Raposo, na viagem que efectuou àquela ilhas, constatou que a vinha não era cultivada no Corvo, apesar das óptimas terras para a viticultura. Não nos podemos esquecer que este

²⁵ Cf. *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, vol. VIII, pp.184 / 85.

²⁶ Cf. *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, vol. X, p.366.

negociante era conhecedor do bom vinho e aguardente que nas ilhas de S. Jorge, Graciosa e Pico produziam e que ele próprio importava, para depois reexportar para o Brasil.

Em relação à pesca, a descrição é também reveladora da informação obtida pelo comerciante micaelense, integrando nesta área a ilha do Corvo e as suas possibilidades piscatórias.

Em primeiro lugar, enumera as principais espécies de peixe que circulava em torno das Flores e Corvo, referindo que a pesca era abundantíssima de chernes, safios, bicudas e todo o mais peixe: *Hé tanto e tão grande a qualidade que parecem ser do princípio do mundo, principalmente safios, a que chamam nestas ilhas de congro*. Nicolau Maria Raposo sabia que vinha à procura especialmente de chernes, safios e bicudas, os peixes que melhor aguentavam a salmoura para chegarem em condições a Lisboa, daí não mencionar outros peixes como sargos, cavalas, chicharros, garoupas, pargos, abróteas que, segundo a crónica frutuossiana, abundavam nestas águas desde sempre²⁷.

Todavia o principal problema pôs-se em relação aos aspectos técnicos relativos à sua captura.

Experimentando in loco, o negociante micaelense verificou que, o *hyate* que tinha mandado comprar em Lisboa não resultava, pois os baixios eram muito profundos: *de cem até duzentas braçadas*, rebentando os cabos com facilidade. Além disso, a lancha de alto-mar, não chegava a terra com facilidade, nem podia ancorar em qualquer ponto, o que não acontecia com os pequenos barcos a remos dos pescadores locais. Foi mesmo depois de ter apanhado uma tempestade e de ter tido imensa dificuldade para chegar a terra, que Nicolau Maria deixou a lancha e continuou a fazer a pescaria nos pequenos barcos a remos²⁸.

A ideia da salga nestas duas ilhas acabou por não se concretizar, pois a falta de infra-estruturas e de tanoeiros especializados, que eram fundamentais para o estabelecimento do negócio da salga, levou ao abandono da ideia, embora Nicolau Maria Raposo ainda tenha alvitrado algumas soluções, para superar os problemas.

Assim, ainda em 1780, tentou convencer João Gomes de Araújo, alto funcionário régio, a dar-lhe apoio, pois, como referia, *apenas precisaria de um hyate que podia ser qualquer dece de Sua Magestade, já deicha-*

²⁷ Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1963, Livro Sexto, p.342.

²⁸ Margarida Vaz do Rego Machado, *Uma Fortuna...*, *ob. cit.*, p.317.

do de seu serviço, mas bem fabricado para ne le levar o sal, tanoeiros, aduelas e tudo o mais preciso para as salgas e seu transporte das Flores e Corvo para S. Miguel. ²⁹ O iate deveria chegar a S. Miguel por volta do mês de Abril, para logo começar a faina em Maio que deveria terminar em Agosto. Nos primeiros meses, Nicolau Maria estaria presente para, ele próprio, ensinar como se fazia uma boa salga. Concluía que este plano não custaria nada à Fazenda Real, visto que ficaria à *sua custa e incómodo*³⁰.

Todavia, apesar do empenhamento e persistência de Nicolau Maria Raposo junto das entidades superiores, o pedido foi esquecido e o objectivo que ele havia tomado quando rumou às ilhas do Ocidente acabou por sair logrado. Uma vez mais, as condicionantes da posição ultra-periférica das ilhas de Flores e Corvo em relação ao demais Arquipélago e ao próprio Reino, impuseram-se de forma peremptória.

²⁹ *Ibidem*, pp.317.

³⁰ *Ibidem*, pp.317 e 318

Anexo³¹

Para o Illustríssimo e Ex.m^o senhor D. Rodrigo de Souza Coutinho, do Conselho de Sua Alteza Real, seu Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar

Ill.mo e Ex.mo senhor

Tive o prazer de receber a honrosa carta que Vossa Ex.^a me dirigio na data de 27 de Janeiro com as sementes de diversas plantas, que o Principe Regente Nosso Senhor mandou remeter-me para que eu fassa semear as referidas sementes naquelles sítios que parecerem mais próprios para a sua produção, o que farei. Pela informação incluza verá Vosa Ex.^a. o que eu alcanço sobre este interessante Artigo por alguma prática que adquiri quando por ordem do Senhor Martinho de Mello e Castro, que Deos haja, fui desta Ilha para a das Flores e Corvo afim de fazer toda a especulação sobre o objecto da Pesca, e salga, pastagens para gados, e criação de porcos. Se Vosa Ex.^a. se persuadir que a dita informação que lhe dou pode ser interessante, fará o que bem lhe parecer segundo o seu espírito cheio de todo o patriotismo.

No presente combói vai para esa Cidade meu filho Nicolau Maria Raposo de Amaral, seu humilde e fiel creado, a tratar de algumas dependências minhas, e se Vosa Ex.^a. quizer permitir-lhe a honra de que elle posa beijar-lhe as mãos: elle poderá informar a Vosa Ex.^a. do que souber sobre alguns assumptos que por diversas vezes lhe tenho dito os meos sentimentos, afim de lhe dar alguma luz. Posto que as minhas sejam mui rasteiras.

Querendo Vosa EX.^a. fazer-lhe a Mercê de admiti-lo à sua presensa dirá a João Filipe da Fonseca que o guie.

Sobre tudo o que eu mais me apetece, hé que Vosa Ex.^a. me destine em tudo que eu poder prestar para o serviço de Sua Alteza Real e de Vosa Ex.^a. que Deos, guarde dilatados annos como lhe desejo.

O seu mais humilde e fiel creado

³¹ C. D. U A, *Arquivo José Maria Raposo de Amaral*, Copiador de Correspondência, livro X

Ilha de S. Miguel, 4 de Maio de 1800

Informação para o sobredito Ministro de Estado em 6 de Maio de 1800

Hade haver vinte annos passados, que por ordem do Ex mo Senhor Martinho de Mello e Castro, que Deos haja, fui mandado ver as Ilhas das Flores e Corço para informá-lo da sua produção, pastagens para gados, criação de Porcos para a salga do Arsenal da Marinha, dos baixos que podiam dar Peixes para a dita salga, e do modo mais fácil para fazer-se a pesca.

Para esta especulação sahio desta ilha no princípio de Maio em hum pequeno Hyate, porem mui veleiro, levando na minha companhia doze pescadores dos melhores que eu tinha, com linhas, anzóis, redes, sal e todo o aparelho indispensavelmente preciso para hua pescaria.

Ninguém soube para onde eu caminhava, á excepção de minha Mulher a quem precisamente devia dizer-lhe de meo destino.

Fui abordar a Ilha Terceira aonde dezimbarquei para entregar ao Senhor General Deniz Gregório de Mello e Castro , as cartas do Senhor Martinho de Mello e Castro, nas quaes lhes ordenava que me dece todo o socorro que lhe pedisse, e recomendação para o Capitão-Mor daquellas Ilhas, que naquelle tempo hera António Manoel.

Nada pedi de socorro ao Senhor General porque caminhei bem provido de minha casa, e somente levei a recomendação para o Capitão –Mor.

Admirou-se muito o Senhor Deniz Gregório de Mello e Castro da resolução que tomei de meter-me em huma embarcação tão pequena na qual arriscava a minha vida: Respondi-lhe que imbarcação maior não podia servir para a diligência de que eu estava encarregado, e finalmente no fim de seis dias, que me fez a honra de agazalhar-me na sua casa, me despedi, e me fiz de Vella para as ditas ilhas.

Quando cheguei às Flores, que dista desta ilha de São Miguel noventa e seis legoas, na altura de perto de quarenta graus ao Norte, fiquei pasmado de ver o esquecimento, e desprezo em que está hua posição por todas as sircunstâncias precioza, muito principalmente pelo ponto em que se acha para o verdadeiro cálculo da navegação do Este para Leste.

Esta Ilha que penso ter catorze legoas Portuguesas em ponto quase redondo, e elevado, apenas terá duas legoas de terra limpa de matos, em que os seus habitantes cultivão excelentes trigos sem descance da terra, cevadas, linhos, junça, hinhames da melhor qualidade que produzem estas Ilhas, e também Milhos ainda poucos, porque aquelle pequeno povo tendo trigo em abundancia pouco gasto fazem deste grão.

Toda a mais extensão da referida ilha se acha coberta de matos sendo a maior parte delles cedros, único negócio de exportação que tem seus moradores á excepção do trigo e cevada que he exportado em hum só navio, que de anno a anno vai áquelle porto, além de outras pequenas embarcações que destas Ilhas navegam no meses de Verão para carregar da referida madeira desde que aquella Ilha foi descoberta.

Nesta exportação de madeira que cortão nos matos entrão os cedros que tirão do sentro da terra pelas escavações que fazem naquelles matos, cujos paus parecem ser do tempo do dilúvio Universal. Ora este terreno hé o que me parece próprio para a sua produção e também para pinheiros por ser aquella terra húmida, e a que temos mais a Norte. Fundado nesta razão deixei hua pequena parte das sementes que Vosa Ex^a. me enviou para semear nesta Ilha e mandei toda a mais a João da Rocha Ribeiro morador na Terceira, para que na dita Ilha fassa semear daquellas sementes no terreno em que tem Pinheiros plantados por seu pai, do mesmo nome, e que fizece mandar semear por via de outro meo amigo na ilha das Flores as ditas sementes, como Vosa Ex^a. verá da cópia da minha carta que dirigi ao dito Rocha, que quando me responder terei a lembransa de mandar a sua resposta a Vosa EX^a. para ver o que elle diz sobre o assumpto.

Consta-me que a maior parte daquelles matos virgens sam do Concelho, e por consequência pretencem á Fazenda Real que pode dispor delles como bem parecer a Sua Alteza Real. Querendo ver eu os sobreditos matos para me realizar da sua qualidade, não o pude conseguir porque naquella Ilha não há bestas de qualidade alguma, e para eu caminhar a pé hera impraticável, pois que não tem estrada alguma, mas só sim huãs estreitas e mal lansadas varedas por onde conduzem as madeiras ás costas, e de lastros puchados por Vacas, e Bois de sua natureza pequenos, e muito mais pequenos que os das mais Ilhas, por desmazelo de seus habitantes, que podiam mui bem levar a rassa desta Ilha para as outras tendo aqui Bois e Vacas muito grandes. Se Sua Alteza Real for servido e do seu Real agrado utilizar-se daquella Ilha para plantação de madeiras. E para nella mandar criar gados e porcos, para provimento da sua Marinha: he preciso que mande abrir valados largos nos ditos matos e tão largos que posam criar erva para as rezes que também se sustentam de ramos de louros, que os seus pastores com foices deitam abaixo em cada hum dia. Hé preciso cortar alguma extensão de matos, e larga-lhe fogo depois de seca a rama, para que fique terreno produzindo erva para pasto deste gado, cuja pastagem deve ser ajudada com pasto artificial de tremoço de que só se uza nesta Ilha da qual deve vir a primeira semente, não só para sustentação dos gados mas também para estrumar as terras que cultivarem, sendo este arbusto o que faz florescer esta ilha na sua incrível produção, ajudada da industria de seus habitantes.

Quanto para a criação dos porcos na dita Ilha elles podem criar e engordar com huma espécie de batata que chamam inhame, e com infinita junça que hé outra espécie de grão de que na Ilha do Corvo se sustentam os seus moradores, e com o qual ingordam os Porcos nas ditas Ilhas, que vem a ser melhor que a castanha e bolota para nutrição daquelles animais.

Pelo que respeita á Pesca e salga: hé inegável que as sobreditas duas Ilhas são abondanticimas de Cherne, Safios, Bicudas, e todo o mais Peixe.

Os baixos em que se pesca os Chernes, e Safios, são alagados e não ficam muito distantes de terra, nas em fundo de cem até duzentas brassas. A todos estes baixos fui eu de dia, e noite pescar no referido Hyate dando fundo nelles com poita, e não com ancora pela não perder: mas vi que era impraticável poder pescar fundido mais de hua até duas horas porque se cortava a amarração do Hyate nos rochedos do fundo e hiamos á garra. O Peixe hé tanto, e de tão grande qualidade que parecem ser do principio do Mundo, principalmente Safios a quem chamam nestas ilhas de Congros, e hé preciso bons anzóis, e de boa tempra para aguentar o pezo, e forsa que faz o referido peize.

Vendo eu que era inútil o dito hyate para aquelle modo de pesca mandei continuar nella em barquinhos ligeiros que sem incómodo ficarão sobre aquelles baixos e sobre seus remos sendo de ré para não passar avante das marcas dos ditos baixos, o que tudo presenciei de cada hum e outro bordo no referido Hyate perto dos mesmos baixos, dia e noite, algumas vezes dentro dos barquinhos em que me metia pescando peixes grandes, fazendo sociedade com os pescadores tanto na ilha das Flores, como na do Corvo, onde estive por alguns dias porque nos baixos daquella Ilha encontrei muito mais peixe. E porque naquella ilha não encontrei tanoeiros nem material para poder fazer barris para a salmoura: logo que o Hyate foi carregado de Peixe escalado, e seco ao sol, caminhei para minha casa e mandei que se lava-se muito bem o Peixe seco em agoa do mar, e que depois de bem inchuto se imbarrica-se em salmoura que vem a ser o melhor modo segundo me encinou a prática desta salga em tantos anos.

De tido isto que levo dito a Vosa Ex^a. informei ao Senhor Martinho de Mello e Castro, que ficou satisfeito e me fez a honra de louvar meo zelo e dezin-teresse.

Sua Alteza Real tem nestas Ilhas, hum Intendente da sua Marinha, que pode, se for preciso e do seu Real Agrado, mandá-lo fazer todas as espiculações nestas duas Ilhas, ainda que penso que este tramito não será agradável ao dito Intendente quando chegar a ver a solidam das referidas Ilhas, a falta de médico, sirurgião, Botica e sangrador cuja falta intimida a alguns homens de idade avansada.

Os habitantes do Corvo parecem Mouros nas barbas, que só fazem de seis a seis mezes, mas na sua conduta bons católicos. Elles me edificavão na nos-

sa Santa Religião que adoro, e todo o tempo que me demorei naquella Ilha me pareceo estar entre Christãos da Primitiva Igreja, fazendo-me vir as lágrimas aos olhos a sua santa simplicidade.

Digne-se Vosa Ex^a. desculpar a dilatada e fastidioza informação que lhe dou das referidas duas Ilhas, na certeza de que não tenho luzes para explicar-me laconicamente com um Ministro de Estado que não devo meter adivinhar.

Deos guarde a Vosa Ex^a. dilatados annos como lhe deseja

O seu mais humilde e fiel creado

Nicolau Maria Raposo

